

NEGRISMO, NEGRITUDE E IDENTIDADE HISPANO-AMERICANA

Ana Beatriz R. Gonçalves
Universidade Federal do Espírito Santo

Quando pensamos em literatura negra de um modo geral, imediatamente relacionamos este termo a escravidão, a reivindicação, a resistência, em fim, a questões identitárias. Pensando nos países da América Hispânica, o movimento chamado “Negrismo” nos vem à mente. Entretanto, falar de literatura negra na América de língua espanhola significa ir muito além. A literatura de tema negro começa a se tornar importante a partir do século XIX, época que o negro passa a ser visto como elemento integrante da sociedade que sofreu a opressão da escravidão. Esta imagem do negro escravizado, oprimido começa a aparecer nos romances antiescravistas, principalmente em Cuba, e na poesia, que se converte em um verdadeiro “protesto contra as injustiças do sistema colonial”(MANSOUR, 1973: 89). É uma literatura produzida por brancos preocupados com o estado do negro, que serve de símbolo para atacar o sistema vigente na época.

No século XX, o interesse pelo tema negro toma impulso na Europa com o etnólogo alemão Leo Frobenius, que a partir de 1904 realizou viagens à África e publicou distintos estudos sobre a cultura material e espiritual africana. Nos Estados Unidos, o movimento conhecido como “Harlem Renaissance” contribui para uma conscientização do negro nas Antilhas de língua espanhola. Em Cuba, Fernando Ortiz, estudioso do negro como integrante da cultura do Caribe, publica entre 1916 e 1924 três obras, *Los negros esclavos*, *Los negros brujos* e *Glosario de afronegrismo*, que trazem à luz esse mundo “submerso, vislumbrado, mas não conhecido” (COULTHARD apud Fernández Moreno, 1979: 51).

Em 1930, com a publicação de *Motivos de Son*, do cubano Nicolás Guillén, surge uma obra que permite ao negro falar por si mesmo e desde sua própria perspectiva. Guillén se inspira no *son* cubano, um ritmo musical popular, para fazer uma crítica implícita, compasiva, do meio-

ambiente sócio-econômico dos bairros negros de Havana. Tentava incorporar à literatura cubana – não simplesmente como um tema musical, mas como um elemento de verdadeira poesia – o que poderia se chamar de poema-son. A poesia se torna o instrumento para questionar uma realidade, um contexto. A poética de *Motivos* se resume na busca de identidade do homem negro, a denúncia da exploração de sua condição cubana.

Motivos de son abre caminho para um movimento literário-político concentrado nas Antilhas de língua espanhola: Cuba, Porto Rico e República Dominicana: o Negrismo. Essa poesia “pretendia valorizar os costumes e tradições dos negros, por meio de descrições de sua dança rítmica e sua sensualidade”(MANSOUR, 1973: 137). Obviamente que cada país apresenta suas características próprias, mas de modo geral, todos têm a mesma finalidade: denunciar a situação do negro. Para tal, se valiam de recursos literários tais quais o uso de diferentes ritmos através da repetição de acentos, palavras, estrofes, que simbolizam a repetição do elemento de percussão; a aliteração para marcar o ritmo e reproduzir o som de objetos musicais; a onomatopéia; a frequência de versos curtos, agudos e rápidos; a imitação da fala do negro do Caribe. Como se pode observar, é uma poesia rica no que se refere a efeitos musicais e exóticos, que depende muito do ritmo e das onomatopéias.

Quanto à temática, exalta-se o instinto, valorizando-se a intuição sobre a razão; os costumes, as tradições e as origens do negro também são temas constantes; identifica-se a mulher negra à natureza e exalta-se a sua sensualidade; os rituais religiosos também são aparecem como parte da temática da poesia negrista.

Outra característica importante é o tom de protesta pela situação sócio-econômica mediante descrições da vida cotidiana dos negros: a fome, a humilhação e a tristeza do negro explorado pelo branco.

As críticas ao movimento negrista foram muitas. Uma das principais está no fato de que, com exceção de Nicolás Guillén, os poetas do movimento eram brancos que viam o mundo negro desde uma posição de observador alheio, e sua poesia, descritiva em alto grau, o representava como uma figura pitoresca que vivia de maneira elementar através de seus sentidos. Ou seja, o negro aparece numa atmosfera de violência, densa sensualidade, toques de tambor, danças frenéticas e possessão vuduesca. Quanto à figura feminina, se enfatizavam apenas os aspectos mais animais e sensuais de sua aparência.

Richard Jackson observa esta questão racista da poesia negrista. Segundo o crítico, trata-se de “uma compreensão superficial da cultura negra por parte de seus descobridores brancos”(1976: 41). Para ele, “estes poetas brancos não viram o negro por dentro e propagaram uma imagem do negro como imoral, primitivo, cheio de dança, música, ritmo e sensualidade”(1976: 43).

Não obstante, René Depestre em um artigo intitulado “Le négritisme en Amérique Latine” observa que “se o negrismo não exprimiu o negro desde dentro, marcou uma ruptura com a representação da condição negra” (1980: 28). Ou seja, o movimento negrista abre caminho para que se reforce a necessidade do reconhecimento e da aceitação da participação do negro e do mulato na formação cultural latino-americana.

A partir de aproximadamente 1940 o movimento negrista chega ao seu final. A poesia toma outro rumo, passando a ser mais social que racial.

Passemos agora a algumas reflexões sobre a negritude. Zilá Bernd fala de “negritude” em dois sentidos: o primeiro, negritude com “n” minúsculo que, segundo a autora “é utilizada para referir a tomada de consciência de uma situação de dominação, e a conseqüente reação pela busca de uma identidade negra”(1988: 20); e Negritude, com “N” maiúsculo, “movimento que pretendia reverter o sentido da palavra negro, dando-lhe um sentido positivo” (1988: 20).

Interessa-nos aqui tecer alguns comentários a cerca da segunda concepção do termo “Negritude” para, então chegarmos à primeira.

Negritude enquanto movimento surge na década de trinta, na França, como um mecanismo de defesa, como uma resposta ao racismo europeu e à política colonial francesa, “como uma forma de recusa à pura assimilação da cultura européia e como uma tentativa de retorno às tradições e valores primordiais da raça negra” (DAMASCENO, 1988: 18). Em outras palavras,

o negro se dá conta de que sua salvação não está na busca da assimilação do branco, mas sim na retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que ele é sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar. (MUNANGA, 1990: 111)

Politicamente representa, também o inconformismo do negro, vítima da discriminação racial, em aceitar a auto-proclamada superioridade da raça branca. Esta afirmação se traduz em forma de um verdadeiro apelo à união de todos os negros oprimidos para a conquista de um espaço, para a legitimação de uma voz negra unida por um ideal comum: o combate à opressão. Considerando os aspectos culturais e literários do movimento, pode-se considerar a Negritude como um processo que resgatou valores para reconstruir um tipo de discurso e ao mesmo tempo negar outro, ou seja, é o produto de uma conscientização por parte de uma elite que se recusou a aceitar passivamente a política de assimilação. Consiste de uma reafirmação da cultura negra e de “uma rejeição aos valores relacionados à discriminação, à exploração econômica e à superioridade racial” (LEWIS, 1983: 3). Nasce, portanto, como afirmação de uma cultura e de uma civilização cujas virtualidades e potencialidades o homem branco desconhecia ou fingia desconhecer.

É preciso, então, considerar a negritude como um movimento que implica uma tomada de consciência, como afirmação de uma identidade, como valorização de uma cultura menosprezada, ignorada.

Na América Hispânica, retomando Zilá Bernd, o movimento da “Negritude” abre espaço para as múltiplas negritudes em todo o continente. Para Blas Jiménez, poeta dominicano, a grande importância do movimento está no fato de que seus poetas:

abrieron las puertas de la creación a quienes consideraban que debían ver los aportes del ser africano a la visión universal del humano desde los puntos de vista del colonizado y no desde la óptica del colonizador... esos poetas nos enseñaron que imitando al europeo fracasábamos. (“Aquellos poetas negros”)

Trata-se de um processo de valorização cultural associado à afirmação de uma identidade antes esquecida ou rejeitada, uma vez que mesmo levando-se em consideração o alto grau de mestiçagem, o negro e o mulato na América Hispânica se viram durante muito tempo condenados a ser o “outro”, ou seja, aquele que, apesar de estar presente, não tem o direito de se expressar a menos que utilize padrões considerados superiores: os padrões “brancos”. A falsa democracia racial, a política de branqueamento da raça e a aparentemente amigável convivência contribuíram para, por um lado, tentar silenciar uma voz e, por outro, para a construção e consolidação de estereótipos.

Entretanto, e apesar desta marginalização de que foram e ainda são objetos, se sentem parte desta cultura para cuja formação tiveram um papel de suma importância e da qual receberam valores. Ironicamente, sentem-se parte de uma cultura que os rejeita e que se recusa a reconhecer suas contribuições no desenvolvimento da América Latina de um modo geral. Assim sendo, sua meta será, em primeiro lugar, auto-afirmar-se dentro dessa sociedade e, em segundo, valorizar suas contribuições no seu desenvolvimento. Este processo de construção e afirmação de

uma identidade está relacionado, como observa Bernd, a uma “busca de auto-definição”(1987: 38) e ao “combate contra uma identidade que é atribuída ao negro e que se coagula em estereótipo” (1987: 38), uma vez que este “se encontra alienado de sua cultura de origem e cercado pelos valores vitoriosos do mundo branco” (1987: 38). Blas Jiménez afirma que o ato de criar implica “la tarea de auto-definición individual y colectiva, dentro de un contexto que nos hace inexistentes”(1995: 4) justamente porque “en hispanoamérica hemos sido relegados a en verdad ser aquellos que no hemos creado nada” (1995: 4). Trata-se, portanto, da busca de unidade, de um “eu verdadeiro... que povos com a mesma história têm em comum” (HALL, 1994: 393). O viés comum, a experiência da escravidão com todas as suas consequências, se torna o ponto de união dos povos da diáspora negra que, num esforço para encontrar símbolos e imagens positivos procuram na África um ponto de partida para a construção de um mundo mítico. É, portanto, um processo de afirmação de identidade através do que se denomina recuperação da africanidade. Tal processo ocorre por meio do que Richard Jackson chama de “criação a partir de uma memória étnica” (1997: 9). Criar pressupõe, então, buscar diferentes aspectos relacionados ao continente africano e utilizá-los como ponto de união dos povos da diáspora. Franz Fanon descreve este processo como:

Uma busca apaixonante... dirigida pelo desejo secreto de descobrir além da miséria de hoje, além da resignação, uma era bonita e esplêndida cuja existência nos reabilita em relação a nós mesmos e em relação aos outros (1994: 37).

Florestan Fernandes denomina este processo de “Segunda Abolição”. Pare ele, o surgimento de uma literatura negra, reivindicativa, é “a condenação dramática de uma sociedade que se omitiu, primeiro diante do destino do ex-escravo e, mais tarde, diante do destino de seus descendentes, em gerações sucessivas” (1989: 47).

Esta poesia, social na sua essência, cheia de contrastes e de assimilações culturais, "não só afirma como reivindica sua diferença" (BERND, 1987: 133), rompendo, assim, "com o esquema ritualizado no qual o negro era tema" (BERND, 1987: 134). Em outras palavras, trata-se de uma busca de valores antes esquecidos ou negados que, no entanto resistiram dentro de uma memória coletiva, para, a partir desses valores, estabelecer seu verdadeiro papel dentro da sociedade. Ou seja, trata-se de "resgatar as formas onde subsistem as culturas de resistência, matéria-prima da identidade cultural" (BERND, 1992: 14).

Bibliografia

- BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- DEPESTRE, Rene. "Le Négrisme en Amérique Latine". *Bonjour et Adieu à la Négritude*. Paris: Robert Laffont, 1970.
- FANON, Frantz. *The Wretched of the Earth*. 1961. Constance Farrington, transl. New York: Grove Weidenfeld, 1968.
- FERNANDES, Florestan. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez, 1989.
- JACKSON, Richard. *The Black Image in Latin American Literature*. Albuquerque: U of New Mexico P, 1976.
- . *Black Literature and Humanism in Latin America*. Athens: U of Georgia P, 1988.
- JIMÉNEZ, Blas. "Aquellos poetas negros". Hoy Santo Domingo, sem data: sem página.
- LEWIS, Marvin. *Afro-Hispanic Poetry 1940-1980. From Slavery to Negritud in South American Verse*. Columbia: U of Missouri P, 1983.
- MANSOUR, Mónica. *La poesía negrista*. México: Era, 1973.

MUNANGA, Kabengele. "Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades". *Revista de Antropologia* 33 (1990): 109-117.

ZAPATA Olivella, Manuel. "Negritud, indianidad y mestizaje en Latino América". *Présence Africaine* 145 (1988): 57-65.